

AS MATRIZES ACADÊMICAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO: COMTE E MARX

*Wilson Santana Silva**

RESUMO

Este artigo procura introdutoriamente apresentar o estabelecimento do Positivismo e do Marxismo no Brasil. Além de representarem “ações políticas”, esses dois modelos produziram abordagens teóricas, o Positivismo e o Materialismo Histórico, utilizadas para a compreensão dos processos históricos de diversas sociedades. O leitor observará sem muita dificuldade como os dois modelos de “ação política” e as duas “teorias da história” encontraram em nossa sociedade solo fértil para se desenvolver.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura brasileira; Teoria da história; Positivismo; Marxismo; Materialismo histórico.

INTRODUÇÃO

Este texto, enquanto parte de pesquisa maior, procura apresentar ao leitor, introdutoriamente, duas matrizes acadêmicas, o Positivismo e o Materialismo Histórico, necessárias para a consolidação da prática de se produzir conhecimento no Brasil. Não caberia aqui investigar a totalidade dos paradigmas. Isto significa que o Paradigma do Historicismo, o Paradigma da Descontinuidade, a Cosmovisão Cristã e o Paradigma da Complexidade serão temas para outros e futuros debates. Ressalta-se que todos são de mais alta importância para a academia.

* O autor é doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. É pastor da Igreja Presbiteriana do Jardim Marilene, em Diadema (SP).

Essa empreitada seria muito pretensiosa para qualquer pesquisador, como seria inimaginável investigar, por exemplo, as principais filosofias por trás das diversas esferas de conhecimento. Ao mesmo tempo, deve-se considerar que a escolha dessas matrizes não obedece a uma decisão aleatória. Com isso, ao selecionar com objetividade, é evidente que se traz à tona as dificuldades das preferências. As escolhas que devem ser feitas podem conter perdas e também ganhos. As perdas certamente acontecerão, uma vez que o ato de escolher evidentemente significa deixar de fora outras possibilidades. Ainda assim, os ganhos serão contabilizados, pois o campo de análise ficará mais restrito e, com especificidades a menos, serão possíveis maiores aprofundamentos diretamente ligados ao tema. Os paradigmas analisados estão presentes em muitas obras no Brasil. Uma pequena bibliografia dos temas é oferecida no texto e nas notas.

Uma nota de advertência se faz necessária neste momento. A pretensão deste texto em hipótese alguma é construir a história do Positivismo e do Marxismo. Tal tarefa é impossível de ser realizada neste artigo. O que se oferece, de modo muito simples, é um pequeno desenvolvimento das correntes positivista e marxista que fluem de seus proponentes, com seus ramos alcançando o Brasil. Quase obrigatoriamente são dadas pequenas pinceladas nos métodos e nas teorias decorrentes dessas cosmovisões.

Ao considerar a matriz comteana,¹ leva-se em consideração a vigorosa influência do positivismo na França e posteriormente no Brasil. O subtópico realça de forma sintética a vida de Augusto Comte, para em seguida apresentar parte de sua produção acadêmica. A recepção do positivismo no Brasil, a começar pela Escola Militar e a criação do Apostolado Positivista, foi até certo ponto natural. A sociedade brasileira, que ansiava por novas compreensões, não teve muita dificuldade para introduzir em seu comportamento os princípios da filosofia comteana. A filosofia positivista encontrará eco nos diversos setores da sociedade brasileira. Sua contribuição foi significativa para moldar o pensamento de alguns republicanos, como foi o caso de Benjamin Constant e Deodoro da Fonseca. Especificamente no Brasil, o vigor dessa forma de conceber a sociedade foi dos mais expressivos nos meios acadêmicos. As escolas brasileiras foram influenciadas fortemente. A filosofia por trás do lema “*Ordem e progresso*”² seria considerada antes de quaisquer outras categorias.

A matriz marxista que compõe o ambiente mais moderno da sociedade internacional constituiu-se em elemento esclarecedor para o entendimento cultural do Brasil do século XX. Com certo atraso em relação a outras nações vizinhas, o marxismo eclodiu em forma de árvore tímida e mirrada para depois ganhar o

¹ BENOIT, Lelita Oliveira. *Sociologia comteana – gênese e devir*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

² LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 146.

status de uma “das maiores contribuições para o domínio das Ciências Sociais.”³ O subtópico procura de igual forma apresentar breve biografia de Karl Marx para em seguida descrever a trajetória do movimento no Brasil. Destacam-se como elementos de importância para a fixação e divulgação desta compreensão os intelectuais Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes⁴ e Nelson Werneck Sodré.

1. MATRIZ POSITIVISTA NO BRASIL: AUGUSTO COMTE⁵

Augusto Comte era francês, tendo nascido em 19 de janeiro de 1798 na cidade de Montpellier. Alguns problemas envolvendo sua família, principalmente desgastes com o pai e a irmã, transcenderam os limites das relações familiares, afetando substancialmente sua saúde física e mental. Autores afirmaram que o desgaste com a família teria influenciado a orientação que deu às suas obras. Embora as relações conflituosas tenham sido superadas, elas deixaram marcas profundas na personalidade do filósofo. Apontam-se aqui determinadas crises agudas, a partir dos 28 anos de idade, que foram muito difíceis para Comte, a ponto de ocorrerem manifestações cujos resultados foram desequilíbrios mentais que o acompanharam até o fim de sua vida, levando-o à loucura.

Para Comte, a Escola Politécnica de Paris, com seu caráter verdadeiramente científico, deveria se tornar o maior projeto educacional da França. Essa escola deveria reconhecer-se filha legítima e herdeira de tradições e valores resultantes da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Era “*locus*” legítimo da prática da ciência e da técnica.

Segundo Comte, o homem na sua caminhada para o aperfeiçoamento deverá levar em consideração todos os elementos dos novos tempos, pois seu futuro será a organização social e política dos povos fruto do iluminismo. Esse princípio tornar-se-ia um dos pontos fundamentais da filosofia desse personagem.⁶ As novas concepções da sociedade apresentadas por Comte não só influenciariam muitos outros pensadores como a própria França e o mundo.

É importante destacar a parte positivista da obra de Comte. Ele propõe a regeneração social a partir de uma estruturação do saber e da mente humana. Essa necessidade foi compreendida pelo filósofo desde cedo (1819). Segundo ele, a humanidade passara por três estados ao tentar conceber a realidade do mundo e da vida. Esses três estados ou atitudes espirituais foram o *Teológico*

³ Ver o Capítulo VIII de LACEY, Hugh. *Valores e atividade científica*. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

⁴ FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. São Paulo: Globo, 2006; *A sociologia numa era de revolução social*. São Paulo: Editora Nacional, 1963; *A revolução burguesa no Brasil* – ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981; *Pensamento e ação* – o PT e os rumos do socialismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁵ Ver obra completa de LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

⁶ PENSADORES. São Paulo: Abril, 1972, p. 646.

(em que dominam as forças sobrenaturais), o *Metafísico* (caracterizado pela crítica vazia e pela desordem espiritual, fruto do liberalismo) e o *Positivo* (que supera as explicações insuficientes do mundo, mediante a substituição das hipóteses religiosas ou metafísicas pelas leis científicas).

Nesta fase, Comte salientava que o poder material pertence aos industriais e o espiritual aos sábios.⁷ Essa distribuição de incumbências assinalada por Comte tem uma fundamentação racional: o atento estudo da marcha da civilização mostra que a anarquia espiritual “precedeu e produziu a temporal”. O mal-estar da sociedade europeia nas décadas que se seguiram à Revolução Francesa depende, fundamentalmente, dessa desordem espiritual. A luz que ilumina Comte para empreender a reforma da sociedade e fazer a divisão do trabalho é a mesma luz que cobre Benjamin Constant.⁸ Porém, os resultados desse primeiro passo são diferentes. Para Comte, e consequentemente para seus discípulos, tem prioridade a preparação do espírito. O seu primeiro passo será, portanto, pedagógico.⁹

Entre suas obras mais importantes estão: *Discurso sobre o Conjunto do Positivismo* (1848), *Sistema de Política Positivista ou Tratado de Sociologia Instaurando a Religião da Humanidade* (1851/1854), *Catecismo Positivista* (1852), *Apelo aos Conservadores* (1855) e *Síntese Subjetiva* (1856).

Desta forma, o positivismo toma contornos nem sempre perceptíveis. Para Augusto Comte o que deveria prevalecer a despeito de qualquer outra existência seria o “ponto de vista humano” e isto seria intensificado graças à sociologia, que abandonaria o “éter da idealidade pura para se atirar na existência social.” O positivismo visava assegurar a preservação da estabilidade social.

É possível definir o Paradigma Positivista de compreensão do mundo da seguinte forma:

O Positivismo acrescenta ao ideal iluminista de Progresso, o conceito de Ordem. Seu objetivo será a Conciliação de Classes. Seguindo uma perspectiva conservadora ele equipara os métodos das ciências naturais com os das ciências sociais, na afirmação literal da rigorosa neutralidade do cientista social, e na busca de leis gerais e invariáveis que regeriam as sociedades humanas.¹⁰

Para o positivismo, a Fonte Histórica é o único recurso que permite ao historiador acessar uma época e uma sociedade que não mais estão presen-

⁷ Ver “Saint-Simon: o precursor moderno da sociologia”. In: FERREIRA, Delson. *Manual de sociologia – dos clássicos à sociedade da informação*. São Paulo: Atlas, 2006, p. 34.

⁸ Neste caso, o Benjamin Constant aqui é o republicano brasileiro.

⁹ Eis a forma como o próprio Comte caracteriza esse processo: “Há, neste trabalho, uma parte espiritual que deve ser tratada em primeiro lugar, e uma parte temporal que o será consecutivamente”. Compete aos cientistas, portanto, compreender a primeira série de trabalhos, e aos industriais mais importantes organizarem, de acordo com as bases estabelecidas, o sistema administrativo (...).

¹⁰ BARROS, José D’Assunção. *Teoria da história*. Petrópolis, RJ: Vozes, vol. II, p. 91.

tificados.¹¹ Para o positivista, a História refere-se a uma realidade humana temporalizada, e essa história poderia tornar-se objeto de conhecimento do mundo humano real a ser compreendido no tempo.¹²

Ao considerar as matrizes do pensamento brasileiro,¹³ o positivismo se destaca principalmente pela popularidade das ideias contidas em suas estruturas. Facilmente digeríveis, essas concepções a respeito da sociedade e a nova compreensão da realidade tornavam-se matérias de profundo interesse dos intelectuais nacionais. Para os brasileiros influenciados pelo pensamento positivista, Augusto Comte representava um ideal que não se encontrava em nenhum outro. Daí a profunda e respeitosa admiração, aqui no Brasil, pelo pensador francês.

Em que pese o fato de o positivismo ter-se fixado primordialmente como doutrina científica na Academia Militar, a literatura e a religião comteana, porém, foram divulgadas no Brasil desde meados do século XIX, como documentou fartamente Ivan Lins em sua obra *História do Positivismo no Brasil*.¹⁴ A forte influência exercida sobre a cultura brasileira, às vésperas e após a Proclamação da República, merece especial destaque.

Com muita probabilidade as ideias decorrentes de Comte alcançaram as regiões da Bahia através de Antônio Ferrão Muniz, que, desde 1836, após retornar de uma formação educacional na Europa, inseriu no Brasil lições do positivismo.¹⁵ A partir de 1844 penetrou realmente o positivismo no Brasil através da tese com que Justiniano da Silva Gomes se candidatou à regência da cadeira de Fisiologia na Escola de Medicina da Bahia, sendo que, no ano anterior, o pai de Ruy Barbosa, o “espiritualista católico” João José Barbosa d’Oliveira, já se mostrava preocupado com a iminente introdução das doutrinas positivistas no Brasil e com a influência que pudessem ter sobre a juventude.¹⁶

Fundamentalmente é necessário considerar que, ao se estruturar no Brasil, o positivismo evidencia preocupações com a “lei dos três estados, na classificação das ciências, no esforço ao cientificismo que vinha do enciclopedismo e na atitude antimetafísica a que correspondia uma ênfase nos problemas do momento”.¹⁷ Através do positivismo um grande portal se abria e novas ideias

¹¹ Ibid., vol. II, p. 61.

¹² Ibid., vol. II, p. 63.

¹³ Leitura obrigatória neste campo é o livro de COSTA, Cruz. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

¹⁴ LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. Coleção Brasileira, vol. 322. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

¹⁵ NOGUEIRA, Oracy. In: *História das ciências no Brasil*. São Paulo: EPU/Editora da Universidade de São Paulo, 1979-1981, p. 186.

¹⁶ Ibid., p. 186.

¹⁷ Ibid., p. 187.

foram aos poucos ganhando a simpatia da “ilustração brasileira”. Foi o caso do “evolucionismo”. Alguns autores nacionais após passarem pelo positivismo assumiram os novos conceitos ligados a Darwin, Haeckel e Spencer.

Seguindo um curso muito natural, o positivismo encontrou no Brasil solo dos mais férteis para a fixação de suas raízes. Muito rapidamente se espalhou pela Bahia, Recife, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Acredita-se que positivistas como Miguel Lemos, Teixeira Mendes e Benjamin Constant constituíram-se em figuras explicativas do próprio positivismo entre os brasileiros. Esses personagens, principalmente os dois primeiros, foram diretamente responsáveis pela fundação da Igreja e do Apostolado Positivista no país.

O aspecto religioso do positivismo materializou-se principalmente em Raimundo Teixeira Mendes. Ele revelou-se, como o seu cunhado Miguel Lemos, ardente doutrinador positivista. A mãe o educou no catolicismo. No Rio de Janeiro,¹⁸ estudou no colégio dos jesuítas, tendo demonstrado especial interesse pela matemática e pela filosofia. Com a mesma convicção com que tinha acreditado nos dogmas católicos, assumiu a defesa do comtismo. Nos seus sermões dominicais, depois de fundada a Igreja Positivista, demorava-se até três horas defendendo os dogmas da Religião da Humanidade. “Católico fervoroso em sua adolescência”, frisa Ivan Lins, “transferiu Teixeira Mendes (inconscientemente talvez) à imagem de Clotilde as preces e louvores que outrora dirigira à figura de Maria...”¹⁹

A consolidação do positivismo no Brasil, em 1870, atingiu a mocidade acadêmica e muitos professores das escolas de Medicina e Direito. Foram esses personagens os principais responsáveis pela propagação do positivismo, do darwinismo e dos pensadores anticlericais. Era, nas palavras de Sílvio Romero, o “surto de ideias novas”.²⁰

Benjamin Constant,²¹ o republicano e educador brasileiro, se considerava um discípulo de Comte. Suas ações para a constituição da República Brasileira

¹⁸ Ver em LINS, *História do positivismo no Brasil*, p. 37, a repercussão do positivismo no Rio de Janeiro.

¹⁹ *Ibid.*, p. 416.

²⁰ Ver sua obra *Literatura, história e crítica*. Rio de Janeiro: Imago; Aracajú, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2002.

²¹ “Os defensores da preponderância de Benjamin Constant na proclamação representavam uma corrente política e ideológica muito distinta. A diferença aparece já nos adjetivos com que Benjamin era descrito, ou endeusado. Junto da qualificação de fundador, disputa direta com Deodoro, apareciam outras que melhor descreviam o papel a ele atribuído. Era o catequista, o apóstolo, o evangelizador, o doutrinador, a cabeça pensante, o preceptor, o mestre, o ídolo da juventude militar. Benjamin não aparece em primeiro lugar como representante da classe militar, como vingador e salvador do exército. Aparece como o professor, o teórico, o portador de uma visão da história, de um projeto de Brasil. A ele se deveria o fato de o 15 de novembro ter ido além de uma quartelada destinada a derrubar o ministério de Ouro Preto, de se ter transformado em mudança de regime, em revolução, em salvação da pátria”. Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 40.

foram fundamentais.²² Foi ele, Benjamin Constant, que preparou e organizou o 15 de Novembro. O general Deodoro assegurou a vitória pela sua presença à frente das tropas, porém foi o Dr. Benjamin Constant quem fundou a República Brasileira.²³

2. MATRIZ MARXISTA NO BRASIL

O Materialismo Histórico constitui-se em matriz de pensamento de grande penetração entre os intelectuais brasileiros²⁴ e em nossas universidades. Demonstra-se, aqui, a forte influência que este “âmbito teórico” exerceu na mentalidade dos brasileiros ao ponto de inúmeros pensadores aderirem a seus quadros e, ao mesmo tempo, verifica-se uma nova compreensão de sociedade que elimina qualquer tipo de explicação simplista, reducionista e espiritual. O Materialismo Histórico consiste em uma Teoria da História.

A advertência de José D’Assunção Barros foi muito feliz quando descreveu a distinção entre Marxismo e Materialismo Histórico. Para esse autor, Marxismo é aquele modelo de “ação política” que mais tarde ficaria conhecido como Marxismo-Leninismo, enquanto que Materialismo Histórico é paradigma, método e abordagem teórica para a compreensão dos processos históricos.²⁵

Outra questão de suma importância para a nossa análise é que se pode conceber o paradigma do Materialismo Histórico como uma forma de analisar e escrever a história que não necessariamente se vincule a qualquer programa de ação política marxista, e que até mesmo não vise o socialismo como sociedade ideal a ser atingida.²⁶

Inquestionavelmente o Materialismo Histórico obteve maior sucesso em outros continentes²⁷ do que propriamente na América do Sul e especialmente no Brasil.²⁸ Esse paradigma foi essencial para a formação da História como um campo disciplinar com “pretensões de cientificidade”.²⁹

²² Ver outros aspectos da influência positivista na organização da República em LINS, *História do positivismo brasileiro*, p. 372.

²³ Ver “Benjamin Constant, a abolição e a fundação da República”. In: LINS, *História do positivismo no Brasil*, p. 315.

²⁴ REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais, história e política – séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

²⁵ BARROS, *Teoria da história*, vol. III, p. 17.

²⁶ Ibid.

²⁷ Mesmo nos Estados Unidos houve intenso proselitismo de Joseph Weydemayer, imigrante alemão, grande amigo pessoal e correspondente de Marx. Este último chegou a escrever artigos publicados em vários jornais americanos, como o liberal *New York Tribune* e os simpatizantes do socialismo *Red Republican, Friend of the People, Democratic of the People’s Paper*. Cf. CHACON, Vamireh. *História das ideias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 321.

²⁸ CHACON, *História das ideias socialistas*, p. 321.

²⁹ BARROS, *Teoria da história*, vol. III, p. 9.

2.1 Karl Marx

Marx é de origem alemã, tendo nascido em Trier ou Tréveris no ano de 1818. Morreu em 1883, em Londres. A cultura das cidades vizinhas recebia influência constante dos acontecimentos de Tréveris. Cumpria culturalmente o papel de misturar o liberalismo revolucionário da França com uma dose significativa da reação do Antigo Regime com domínio da Prússia.

Marx procedia de uma família judaica. Enriqueta Pressburg, sua mãe, vinha diretamente de linhagem rabínica. Hirschel, seu pai, era advogado e conselheiro de justiça. Inexplicavelmente, alterou o itinerário de sua vida quando, em 1824, abandonou o judaísmo, batizando-se como um novo nome: Heinrich.

O jovem matriculou-se na Universidade de Bonn após terminar o curso secundário em Tréveris. Foi um período em que mostrou muito interesse pelo direito. Estes momentos estudantis do jovem Karl Marx mostraram que estava muito mais propenso para uma vida de boemia e romances. Foi quando, em meio à paixão e declaração de amor pela bela Jenny von Westphalen, gastou boas somas de dinheiro imprudentemente. Após estudar nas Universidades de Bonn³⁰ e Berlim, em 1841 doutorou-se em filosofia na Universidade de Jena.

Esse personagem de origem comum, com os mesmos atropelos de qualquer cidadão alemão ou francês, mudaria por algum tempo, com suas teorias, a face do mundo ocidental, bem como ofereceria um sistema interpretativo da sociedade que perduraria até os dias atuais. As concepções de Marx³¹ foram revolucionárias e provocadoras, campo dos mais férteis para grandes debates.³²

Foi em Paris que Marx construiu sua doutrina,³³ que com muita rapidez iria dominar sobre as demais concepções e se tornaria o maior patrimônio de

³⁰ Esperava ser nomeado catedrático da Universidade de Bonn. Mas logo compreendeu que nunca poderia seguir a carreira universitária. Verificou que só tinha diante de si a carreira de escritor. Em 1842, Marx entrou para a redação da *Gazeta Renana*, que fora pouco antes fundada em Colônia. Algum tempo depois, foi nomeado seu diretor. Como, porém, os artigos que publicava atraíam para o jornal as iras da censura, pouco depois se demitiu. No outono de 1843, foi a Paris estudar o socialismo e editar, com Arnoldo Ruge, os *Anais Franco-Alemães*. Nessa revista, nos seus dois únicos números publicados, foi que apareceram os primeiros estudos marxistas, particularmente aquele intitulado “Crítica da filosofia do direito de Hegel”. Cf. BEER, Max. *História do socialismo e das lutas sociais*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006, p. 507.

³¹ Antes de Marx, proletariado e socialismo eram coisas distintas, separadas. Marx uniu-as intimamente, como corpo e alma. Realmente Marx deu alma ao proletariado. Nesse ponto, pode-se dizer que o proletariado moderno é, intelectualmente, obra de Marx. Ele não poderia realizar essa obra se não possuísse a faculdade de penetrar no âmago das coisas e dos acontecimentos da história e de desvendar os seus “segredos”. O gênio e a grandeza de Marx foram o resultado de seu olhar penetrante, diante do qual caem todas as máscaras, todas as frases, todas as hipocrisias, todos os detalhes secundários, exteriores. Cf. BEER, *História do socialismo*, p. 506.

³² Ver “O pensamento marxista”. In: FERREIRA, Delson. *Manual de sociologia – dos clássicos à sociedade da informação*. São Paulo: Atlas, 2006, p. 53.

³³ Ver suas opiniões quanto à religião em KONDER, Leandro. *Os sofrimentos do “homem burguês”*. São Paulo: SENAC/SP, 2000.

todos os socialistas. Naquele momento, o socialismo passou a ser uma doutrina inerente à classe operária. E esta, por sua vez, tornou-se o principal objeto da ciência política. Antes de Marx, o proletariado era um simples motivo de piedade para os sociólogos.³⁴ Marx elevou-o ao lugar de pretendente ao trono, de futura classe dominante, chamada a derrubar a antiga ordem e edificar a ordem nova.

Para Marx a História é progressiva, pois a sociedade constantemente muda de um modelo de governo para outro. Aceitando esta dinâmica, reinterpretou-a à luz de sua compreensão das relações de classes como baseadas em trocas materiais e comerciais.³⁵ Na época de Marx,³⁶ o socialismo era uma simples teoria com uma doutrina rígida, dogmática, com um valor eterno. Marx transformou-o numa força materialista, propulsora do desenvolvimento da sociedade supostamente em evolução para a organização da propriedade coletiva.

Desta forma, Marx insistiu que as sociedades evoluíam naturalmente para um Estado comunista, onde os proprietários dos meios de produção não mais explorariam os trabalhadores, mas onde todos seriam proprietários de tudo em comum.³⁷ Para a compreensão deste novo mundo visto por Marx estabeleceu-se a criação de uma nova lente, que ofereceria visão objetiva da realidade: o Materialismo Histórico.

Segundo José D'Assunção Barros,

o Materialismo Histórico começou a se organizar em torno da possibilidade de construir uma História que contribuísse para impulsionar o desenvolvimento humano como um todo, contra o pano de fundo dos interesses das elites e dos

³⁴ BOURDIEU, Pierre. *Ofício de sociólogo – metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005; ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

³⁵ HILL, Jonathan. *História do cristianismo*. São Paulo: Edição Rosari, 2008, p. 412.

³⁶ O filósofo alemão Hegel (1770-1831) introduziu a ideia da evolução na lógica; retomou a expressão “dialética” e aplicou-a a seu método de pensamento. De acordo com esse método, cada conceito tem o seu contraditório, ou, para falarmos em linguagem comum, toda afirmação pode ser negada. Mas isso não se verifica por um simples exame superficial. Por este, verificamos que o mundo está cheio de coisas contraditórias, como o ser e o não ser, o frio e o calor, a luz e a escuridão, a alegria e a dor, a riqueza e a pobreza, o capital e o trabalho, a vida e a morte, o vício e a virtude, o idealismo e o materialismo, etc... Mas podemos não perceber que temos diante de nós um mundo de antagonismos e contradições. Só a razão crítica percebe, sob a simples diversidade das coisas, o choque do negativo e do positivo, dos antagonismos e das contradições. Só depois desse choque é que aparecem coisas mais elevadas. O que Hegel entendeu por contradição não é o resultado da confusão, não é um pensamento confuso que se contradiz a si mesmo. São contradições exteriores, como, por exemplo, as que aparecem quando, com o correr do tempo, a justiça se transforma em injustiça, o racional em irracional, a utilidade em prejuízo; quando as leis e as instituições não estão em harmonia com os novos interesses e as novas concepções, e para que seja alcançada uma fase superior do desenvolvimento social. Hegel chama essa fase superior de negação da negação, ou síntese.

³⁷ HILL, *História do cristianismo*, p. 413.

poderes dominantes (...) a História seja posta a serviço dos movimentos sociais, das classes socialmente revolucionárias, dos oprimidos pela própria história, da desalienação do ser humano em múltiplos sentidos, dando-lhe a perceber as forças invisíveis que o estariam aprisionando e determinando, em última instância, seu próprio destino.³⁸

2.2 *Marxismo no Brasil*

Em 1922, além do aparecimento da “Semana de Arte Moderna”, foi criado o Partido Comunista Brasileiro.³⁹ Leôncio Basbaum descreve:

Em março de 1922, ano histórico por excelência, nos dias 25, 26 e 27, com a presença de delegados representando os grupos comunistas do Distrito Federal, Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul, realiza-se no Rio de Janeiro o primeiro Congresso.⁴⁰

Alguns simpatizantes do movimento anarco-sindicalista, como Astrojildo Pereira e Cristiano Cordeiro, participaram desse congresso. Muito provavelmente o que mais se destacou foi Astrojildo Pereira, principalmente porque coube a ele secretariar aquele congresso como seu secretário geral até o ano de 1929. Outra grande participação de Astrojildo Pereira nos primórdios do marxismo no Brasil (modelo de ação política) foi quando estabeleceu contato direto com Luiz Carlos Prestes. Este acontecimento se deu na segunda quinzena de dezembro de 1927, na cidade de Puerto Suarez, na Bolívia. Para Astrojildo, Prestes já representava a verdadeira marca de uma união indispensável entre o Partido Comunista⁴¹ e as outras camadas sociais, principalmente a pequena-burguesia.

O que tornava Prestes em figura de muito destaque naquele momento foi ser retratado como o *Cavaleiro da Esperança*, tendo participado do movimento tenentista. Astrojildo Pereira praticamente iniciou Prestes no movimento marxista. Isto se deu quando ele ofereceu a Prestes certa quantidade de livros para traduzir as teorias e práticas do marxismo. Aqueles livros oferecidos a Prestes eram tudo o que existia em termos de literatura marxista no Rio de Janeiro: Marx, Engels, Lênin, entre outros. Esses livros, na sua maioria em francês, foram publicados pela editora L’Humanité.

³⁸ BARROS, *Teoria da história*, vol. III, p. 11.

³⁹ Ver “Uma Igreja do Diabo? Reflexões sobre a legalização do Partido Comunista”. In: DAMATTA, Roberto. *Explorações – ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

⁴⁰ “O principal objetivo do Congresso foi o exame das 21 condições para o ingresso na Internacional Comunista, também conhecida como 3ª Internacional ou Comintern”. Cf. CHACON, *História das ideias socialistas no Brasil*, p. 322.

⁴¹ Ver o importante livro de CARONE, Edgard. *Da esquerda à direita*. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1991.

A trajetória de Prestes e suas opções políticas despertavam todo tipo de comentário. Difundia-se que Prestes foi um positivista muito ardoroso, e isto por herança paterna. No colégio, tornou-se por influência e amizade do professor Cruz católico exaltadíssimo e por fim voltou ao ateísmo. Já no fim da escola militar convertera-se em materialista dogmático. O PCB, ao superar os anarco-sindicalistas nas difíceis relações operárias, colocou Marx, Engels e Lênin na ordem do dia de suas discussões.

Ao se inaugurar a década de 30, Azeredo Amaral destacou-se entre os demais. Neste momento foram surgindo no Brasil, com certa lentidão, os pensadores marxistas propriamente ditos.⁴² Uma das maiores contribuições de Azeredo Amaral⁴³ foram os seus “Ensaio Brasileiro”. Nestes ensaios Azeredo oferecia uma nova interpretação do Brasil.⁴⁴

1930 foi o momento em que historicamente se constatou o fim do antigo regime monárquico, que tinha assombrado o país por longos anos. Apesar de período tão tardio, os anos 30 do século XX, a sociedade brasileira se via dominada pelos conselheiros e generais do império. Estes se encontravam ainda muito fortes na chamada “Velha República”. Ao terminar esse momento histórico, terminava também a geração que se perpetuou por décadas na liderança do país. A nova sociedade que emergia apresentava coloração nova, populista, tensa e sem boas doses de conservadorismo da anterior.

Este seria também o momento histórico de Getúlio Vargas.⁴⁵ Após impor uma significativa derrota a São Paulo, esse presidente se destacaria como homem do povo. O seu populismo foi resultado de uma massa social aspirante a uma relação com o poder mais direta e objetiva. Dentro deste contexto é que se percebe a difícil tarefa da burguesia nacional, que estava aprendendo e se mostrava fascinada com o poder.

⁴² ALTAMIRA, César. *Os marxismos do novo século*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

⁴³ Azeredo Amaral scandalizou o seu meio afirmando, alto e bom som, “a identidade dos motivos da ação humana e, portanto, do determinismo das formas sociais e das suas expressões dinâmicas” e “outro fator constante e igualmente decisivo do processo histórico”, “a transformação dos meios materiais com que o homem procura satisfazer aqueles impulsos propulsores da sua própria evolução”.

⁴⁴ Azeredo Amaral e os seus “Ensaio Brasileiro” merecem especial atenção, não porque fossem marxistas, e sim, como destacou Werneck Sodré, porque marcaram “o ponto crítico em que a mentalidade brasileira, chocada no seu subconsciente pela crise mundial iniciada em Wall Street em 1929 e repercutida no Brasil na subversão político-militar do ano seguinte, começava a acordar do longo sono, da inércia e da atonia, para as novas direções e para os novos caminhos, uma verdadeira consciência política, um sentido pragmático e objetivo, abandonando as velhas fórmulas e o verbalismo sonoro com que se embalava e iludia. Cf. CHACON, *História das ideias socialistas no Brasil*, p. 329.

⁴⁵ Ver “A questão agrária: crise de poder e reformas de bases (1930-1964)”, Capítulo III, Livro I, *Processo Político*. In: FAUSTO, Boris (Dir. Geral). *História geral da civilização brasileira*. Tomo III/ vol. 10. *O Brasil republicano – sociedade e política*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 2007, p. 147.

A participação de Getúlio Vargas à frente da nação brasileira se constituiu em um dos capítulos mais interessantes da história do Brasil.⁴⁶ Dentre muitos atos, destaca-se aqui sua vitória sobre as forças paulistas. O que provisoriamente foi para os paulistas motivo de grande consternação logo se transformaria em causa para o fantástico desenvolvimento obtido por esse estado. Nas palavras de Armando Salles de Oliveira: “São Paulo vencerá pelas inteligências”. Foi esse interventor que abriu as portas, juntamente com os Mesquita, para aquela que seria o maior orgulho paulista: a Universidade de São Paulo (USP).

Destaca-se no período seguinte a figura do professor e historiador Caio Prado Júnior. Foi Caio Prado o intelectual que procurou repensar o marxismo com maior profundidade no Brasil, principalmente utilizando-se do paradigma do Materialismo Histórico em suas análises da sociedade brasileira. Dos diversos ensaios produzidos por Caio Prado Júnior, *Evolução Política do Brasil* representou um modelo de interpretação materialista da história brasileira, publicado em 1933. Esse livro mereceu destaque uma vez que se trata do “primeiro ensaio de aplicação do Materialismo Histórico ao caso brasileiro, com as deficiências naturais da iniciativa pioneira”.⁴⁷

O trabalho de Caio Prado Júnior é conhecido pela maioria dos pesquisadores, porém, são relevantes aqui os comentários que o próprio historiador fez em seus ensaios. Nesta linha se introduz parte daquele que foi o prefácio da 1ª edição. Este excerto mostra o grande interesse do historiador pelo novo método de interpretar a história.⁴⁸

Isto que o leitor vai ler não é uma História do Brasil. Como o indica o próprio título, é um simples ensaio. Procurei tão somente dar a síntese da evolução política do Brasil e não traçar a sua história completa.

(...) Isto me levaria por vezes, estou seguro, a desprezar circunstâncias cuja falta talvez se faça sentir para a perfeita clareza da exposição. *Mas, tratando-se de um método relativamente novo – refiro-me à interpretação materialista – de analisar a história brasileira, não me era dado conhecer as exigências dos leitores.*

Nestas condições, seria preciso um tempo considerável para apresentar uma história completa. E isto o momento não comporta. Repetindo um conceito do prefaciador da obra de Max Beer – História Geral do Socialismo – a respeito

⁴⁶ Ver LEVINE, Robert M. *O regime de Vargas – os anos críticos, 1934-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

⁴⁷ Ver neste particular HADDOCK, B. A. *Uma introdução ao pensamento histórico*. Lisboa: Gradiva, 1989.

⁴⁸ “Caio Prado não dispunha de um amplo estoque de categorias marxistas.” Assim afirmou Carlos Nelson Coutinho em “O marxismo no Brasil”. In: JINKINGS, Ivana; PESCHANSKI, João Alexandre (Orgs.). *As utopias de Michel Löwy – reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 132.

da história universal, podemos também afirmar, com relação à nossa, que “há muito se faz sentir a necessidade de uma história que não seja a glorificação das classes dirigentes”. E traçar uma tal história é tudo quanto pensei fazer.

(...) Quis mostrar, num livro ao alcance de todo mundo, que também na nossa história os heróis e os grandes feitos não são heróis e grandes senão na medida em que acordam com o interesse das classes dirigentes, em cujo benefício se faz a história oficial...

Apesar da premeditada intenção de evitar minúcias, alonguei-me um pouco mais sobre o histórico das revoluções da Menoridade (1831-40) e de princípios do Segundo Reinado. Fi-lo porque, de todos os fatos da nossa história, nenhum há tão pouco compreendido – o que naturalmente nada tira à sua primordial importância. A *Cabanada* do Pará (1835-39),⁴⁹ a *Balaiada* do Maranhão (1838-41) e a *Revolução Praieira*⁵⁰ de 1848 em Pernambuco – que são as principais revoluções populares da época – não passam, para a generalidade dos nossos historiadores, de fatos sem maior significação social, e que exprimem apenas a explosão de “bestiais” sentimentos e paixões das massas. Isto principalmente com relação às duas primeiras.⁵¹

Constata-se nesses fragmentos do prefácio da primeira edição dessa obra toda a intencionalidade de Caio Prado Júnior. Após tecer duras críticas aos arcaicos modelos de história, ele apresenta a sua nova abordagem: o Materialismo Histórico.

O período de 1935 não traria motivos de esperança para os mantenedores do pensamento marxista. Naquele momento o PCB e as forças de esquerda em geral experimentaram um duro teste, com o fracasso militar do levante armado. É sensivelmente um período que merece análise mais cuidadosa e erudita, pois muito dos acontecimentos estão ainda para ser esclarecidos e pesquisados. O advento do “Estado Novo”⁵² é da mesma forma significativo nesta análise, pois com a ditadura as possibilidades de estudo e propagação dos ideais marxistas foram abafadas. Esta realidade só foi alterada por volta de 1945.

O professor e historiador Caio Prado Júnior continuou apresentando importantes obras aos leitores brasileiros ávidos pelas novas interpretações.

⁴⁹ Ver REIS, Gustavo Moraes Rego. *A Cabanagem* – um episódio histórico da guerra insurrecional na Amazônia (1835-1839). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1965.

⁵⁰ Ver “O Nordeste, 1825-1850 – Revolução Praieira”, Capítulo I, Livro III, *O Nordeste e a Bahia*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Direção Geral). *História geral da civilização brasileira*, vol. II, *O Brasil monárquico, I – O processo de emancipação*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1976, p. 193.

⁵¹ O exemplar de *Evolução Política do Brasil – Colônia e Império* utilizado nesta pesquisa é a 3ª reimpressão (2006), da 21ª edição, de 1994, pela Editora Brasiliense.

⁵² Ver VASCONCELLOS FILHO, J. I. Cabral de. *Da revolução de 30 ao terror do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1982; NASCIMENTO, Benedicto Heloiz. *A ordem nacionalista brasileira*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2002.

Dessa maneira, em 1952 lançou sua *Dialética do Conhecimento*, e pouco depois uma segunda edição, em 1955, ampliada e em dois volumes. No encalce desse tema, o público brasileiro também conheceu *História Econômica do Brasil, Formação do Brasil Contemporâneo, Esboço dos Fundamentos da Teoria Econômica e Notas Introdutórias à Lógica Dialética*.

Esses documentos no domínio de ciências humanas são paradigmáticos e reveladores, pois aqui se percebe uma grande ruptura com os textos de caráter idealista, positivista, romancista e narrativas longas. O domínio da história se mostrava renovado nesse ambiente, todos procurando sempre fidelidade à interpretação marxista, aculturada na realidade brasileira.

À medida que as novas interpretações começavam a ganhar corpo na sociedade brasileira, quase que inevitavelmente alastravam-se as influências dessa nova concepção nos demais campos do conhecimento. Essa influência ocorreu, de forma crescente, em domínios como o da sociologia, das artes, da literatura, do cinema e do teatro.

...na Revista Brasiliense, dirigida por Caio Prado Júnior, Michel Löwy publicou um artigo sobre as concepções de partido no pensamento marxista, onde resenhou vários autores marxistas até então desconhecidos (ou quase desconhecidos) no Brasil. Lá se falava de Gramsci, de Lukács, de Rosa Luxemburgo. Esse artigo foi muito importante para os jovens brasileiros que, como eu, buscavam no marxismo uma fonte de inspiração teórica e prática.⁵³

Muito provavelmente Otávio Ianni,⁵⁴ naquele momento, se mostrava como um receptor e portador intelectual capaz de dar sustentação ao pensamento social brasileiro.

Leôncio Basbaum trouxe outra contribuição para o pensamento marxista no Brasil quando ofereceu ao público a sua *História Sincera da República*. Basbaum, que se apresenta como o primeiro secretário-geral da Juventude Comunista do Brasil, fundada em 1927, tornou-se um heterodoxo, no sentido de repulsa às formulas que o cansaram durante tanto tempo. Escreveu livros

⁵³ COUTINHO, O marxismo no Brasil, p. 129.

⁵⁴ IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; *Homem e sociedade – leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Editora Nacional, 1971; *Estado e planejamento econômico no Brasil: 1930-1970*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971; *Sociologia e sociedade no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975; *Imperialismo e cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976; *Teorias de estratificação social – leituras de sociologia*. São Paulo: Editora Nacional, 1978; *Dialética & capitalismo – ensaio sobre o pensamento de Marx*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982; *Sociologia da sociologia*. São Paulo: Ática, 1989; *Ensaio de sociologia da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991; *Raças e classes sociais no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004; *Pensamento social no Brasil*. Bauru, SP: EDUSC, 2004; *Estado e capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004; *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004; *A ideia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004; *Origens agrárias do estado brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

a partir de 1934, usando o pseudônimo Augusto Machado. Publicou *A Caminho da Revolução Operária e Camponesa*, seguido de *Fundamentos del Materialismo* (Buenos Aires, 1943), traduzidos para o português em 1944. Depois surgiram, ainda da sua autoria, *Sociologia do Materialismo e Caminhos Brasileiros do Desenvolvimento*.

Outro autor importante para se entender o estabelecimento das teorias marxistas no Brasil foi Néelson Werneck Sodré. Seu livro *História Burguesa Brasileira*, publicado pela Editora Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro, em 1964, mostrou toda a capacidade desse historiador no domínio das teorias marxistas. Ao longo dos anos, Werneck Sodré contribuiu solidamente com obras a respeito do Brasil e de sua complexa formação cultural. Entre eles estão *Fundamentos da Estética Marxista* (1968), *As Razões da Independência* (1969), *Formação Histórica do Brasil* (1973), *Introdução à Revolução Brasileira* (1978), *Vida e Morte da Ditadura* (1984), *A Ideologia do Colonialismo* (1984), *Síntese de História da Cultura Brasileira* (1984), *História e Materialismo Histórico no Brasil* (1985), *O Naturalismo no Brasil* (1992), *O Que Se Deve Ler Para Conhecer o Brasil* (1997) e *Panorama do Segundo Império* (1998).⁵⁵

José Honório Rodrigues reconhecidamente tornou-se uma referência em matéria de história do Brasil. Foi provavelmente um dos mais eruditos pesquisadores no domínio de ciências humanas. Aqui está um excepcional exemplo de autor não socialista que traz contribuições extraordinárias para o conhecimento do Brasil.⁵⁶ Existe vida fora do Materialismo Histórico.

CONCLUSÃO

O cristão evangélico, qualquer que seja a sua coloração denominacional, necessita ocupar seu espaço nos domínios do conhecimento. Não se trata de uma proposta utópica, mas real e significativa. Alguns o ocupam por direito

⁵⁵ SODRÉ, Néelson Werneck. *Fundamentos da estética marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; *As razões da independência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969; *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973; *Introdução à revolução brasileira*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978; *A ideologia do colonialismo*. Petrópolis: Vozes, 1984; *Síntese de história da cultura brasileira*. São Paulo: Difel, 1984; *Vida e morte da ditadura – 20 anos de autoritarismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984; *História e materialismo histórico no Brasil*. São Paulo: Global, 1985; *O naturalismo no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992; *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997; *Panorama do segundo império*. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

⁵⁶ RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965; *História e historiografia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970; *Aspirações nacionais – interpretação histórico-política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970; *História da história do Brasil – 1ª parte: Historiografia colonial*. São Paulo: Editora Nacional, 1979; *História combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982; *Conciliação e reforma no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982; *História viva*. São Paulo: Global, 1985; *Vida e história*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986; *Ensaio livres*. São Paulo: Imaginaria, 1991.

e o fazem por reunir erudição, engajamento social e responsabilidade para com o próximo, o que é próprio do protestantismo. Porém, o caminho a percorrer é longo e espinhoso.

No pleno exercício de suas tarefas e deveres, cabe salientar que ao protestante não resta outra alternativa senão a busca de uma superação capaz de igualá-lo aos demais formadores de opinião. Esta superação, no campo das Ciências Sociais e Humanas, exige uma tarefa autônoma e direcionada, com o objetivo de lidar com as categorias teóricas explicativas da formação da sociedade mundial e especificamente da nacional.

É fato que a maioria das explicações para o homem, a religião, a sociedade, a economia e tantas outras carecem de profundas revisões e de um abandono imediato de conceitos reducionistas, ingênuos e falsificados. O protestante, considerado o novo modelo de homem, ou seja, o “homem reformado”, tem responsabilidades para consigo mesmo e para com aqueles que estão à sua volta e tantos outros que possa alcançar. Aparelhado de instrumentos interpretativos e referenciais honestos, este novo homem deve auxiliar a tirar as vendas daqueles que por gerações estiveram cegos e se alimentaram de inverdades e categorias enganadoras.

Ao mesmo tempo, deve extrair por meio de um processo penoso e depurador as verdades que por muito ficaram ocultas sob camadas de interpretações enfadonhas, desonestas e preconceituosas. Conhecer o Positivismo e o Materialismo Histórico é tarefa das mais urgentes para cada brasileiro e prioridade para o protestante. Não se pode ter medo desses paradigmas de análise, pois são apenas paradigmas. Este conhecer não é um conhecer simplesmente para ampliar os horizontes do saber, porém uma apropriação de processos históricos, sociais e culturais muito presentes e constituidores da nossa realidade que nem sempre foram explicados.

Qual foi a contribuição do positivismo (plano de ação política) para as profundas mudanças no Brasil ou pelo menos para suas perspectivas de modernidade? A religião no século XIX no Brasil, representada pelo catolicismo, por não acompanhar os processos sociais e científicos, sofreu muitas baixas provocadas pelas novas ideias. Por outro lado, inúmeras vezes nações protestantes como Alemanha, Inglaterra, Escócia, Suíça e Estados Unidos tornaram-se modelos de civilização e modernidade para ilustres pensadores brasileiros como Tavares Bastos, Tobias Barreto, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco.

O que se esconde por trás do marxismo (plano de ação política)? Existe uma cortina de fumaça que impede aos menos atentos ver suas entranhas e propósitos? Toda a estrutura está comprometida? É evidente que aos estudiosos, neste caso os protestantes, caberá uma árdua tarefa no sentido de interpretar legitimamente essas ideologias e ser honestos ao considerá-las em sua época e cultura. Para isto precisaremos dominar seus paradigmas de compreensão.

ABSTRACT

This article is a brief introduction to the establishment of Positivism and Marxism on Brazil. Besides representing “political actions”, these two models produced technical approaches – Positivism and Historical Materialism – that have been utilized for the understanding of the historical processes in different societies. The reader will see readily how these two models of “political action” as well as their two “theories of history” found in Brazilian society a rich soil in which to develop.

KEYWORDS

Brazilian culture; Theory of history; Positivism; Marxism; Historical materialism.